

JÁ ERA NOITE, beirando vinte e uma horas, a rua estava mais para escuridão do que para iluminada, nome ela não tinha, fazia tempo, apelidaram-na de “A esquecida” por causa dos esquecidos — os moradores de rua, que moravam nela — e alguns bares inferninhos que a infestavam. O trânsito da esquecida era de mão única, estacionamento fácil: a música escapava dos bares e a percorria por todos os lados, para cima e para baixo. Na esquecida, o tempo não era tempo, ninguém queria saber dele, ou melhor, alguns perguntavam por ele e ele já estava avançado, onze horas da noite, quando dois que dormiam na porta de uma loja, acordaram bem falantes. Empurraram os cobertores imundos, rasgados, fedorentos para o lado e sentaram na calçada.

— Ô Trombone, comeste alguma coisa? Eu estou para estalar de fome. Do jeito que tu dormias quietinho, estás com cara de quem está com barriga cheia!

— Eu estou com a barriga cheia, mas é de vento! Eu estava quieto aqui no meu canto, mas era me lembrando da dona Sibéria! Se ela ainda estivesse aqui no Ricife, seria bem provável que estivéssemos de barriga cheia! Mas os homens mandaram a nossa rainha do coração de ouro de volta para a Rússia, foi acusada de tráfico de mulheres.

— É verdade. Quando eu olhava para ela, sentia vontade de comer, ficava com fome, ela enchia o meu prato de sopa até quase derramar. Dizia que a língua dela não dobrava para dizer o meu nome “Eurípedes”, e que ela não entendia como eu, um jovem de vinte e dois anos, bonito, forte, musculoso, cabelos negros macios, com aparência de gente inteligente, e mesmo assim eu vivia na rua, ela não encontrava uma explicação. O que ela não sabia é que eu nunca conheci outra vida, nunca tive um lar, nunca conheci meus pais. A rua sempre foi o meu lar e os meus pais. Foi ela que me criou e educou.

— A minha vida é igual, é parecida com a tua! É a mesma coisa! Estamos empatados na vida e na fome! Aquelas pessoinhas que de vez em quando passam por aqui oferecendo comida — para diminuir os pecados delas — já passaram. A comida hoje era só para deficientes físicos.

— Tu estás brincando, eu não sabia disto! Ficamos com fome porque não somos deficientes físicos! Eu não acredito!

— É sério meu amigo e companheiro de infortúnio, Eurípedes! O mundo é o mesmo! A vida é a mesma! A miséria é a mesma! O que nos diferencia é a cor, eu sou preto e tu és branco! Eu falo gritando e tu falas normal! Somos a bosta do mundo, o rejeito da sociedade, invisíveis para eles! E se tu ainda não sabes, é bom saber, estamos no ano de dois mil e dois, e aqui é Brasil, daqui para frente, deficientes físicos vão gozar de certas regalias! Ouvi uns e outros falando, que no futuro as grandes empresas vão ser obrigadas por força da lei a reservarem empregos para eles! Talvez não seja para agora ou quem sabe, já esteja até vigorando, eu não posso afirmar nada! Eu sei que eu ouvi uns caras falando que daqui uns dois anos isto vai acontecer com certeza!

— E para nós, os moradores de rua, os bostas das sarjetas, estão pensando em reservarem alguma coisa?

— Reservar para quê? Somos invisíveis, não consta-mos em nenhuma estatística!

— É isso mesmo, cada vez mais eu me convenço: a vida é uma grande mentira estruturada, é a desonestidade camuflada. Eu do topo da minha pouca sabedoria adquirida nas ruas, aprendi que o estrume da riqueza, da fortuna é a mentira e a desonestidade.

— Tu estás certo, Eurípedes! Eu não conheço gente rica, mas conheço um mendigo abastado! E o pouco muito que ele tem, conseguiu com o estrume que te referes! Ele pega vísceras

de porco, deixa apodrecer, amarra em volta da perna e fica meio expediente na principal avenida da cidade, pedindo esmola. O expediente da tarde é só para depositar o dinheiro no banco e depois tomar cachaça. Ele está construindo uma vila de casa.

— É assim que funciona, se ele não tivesse inventado a mentira dele, é bem provável que ele estivesse aqui em nossa companhia morando na rua, dormindo no chão ao relento e com fome, assim como estamos agora. Alguns dos meus amigos — criados nas ruas junto comigo — enveredaram pelo caminho do crime, uns estão mortos, a polícia matou e outros estão no presídio. Eu nunca aderi ao crime, nunca fui preso e resisti a dezenas de convites para entrar no tráfico da droga e na prostituição, os convites chegavam sempre cheios de atrativos para me encherem os olhos. O que me deu forças para recusá-los foi ter descoberto a tempo, que a vida é uma grande mentira. Desde o dia em que eu descobri, aprendi aceitar toda e qualquer situação sem revolta, porque a minha meta é inventar a minha grande mentira. Eu me tornei vítima da sociedade por força da repulsão, ela através da que me pariu, me repulsou, foi um ato de pura repugnância, por um motivo ou outro, não vem ao caso, não interessa. A sociedade me empurrou para a miséria em que eu vivo, então será justo que a própria sociedade me resgate dela. Mas ela fez isto de uma forma tão sutil, que não poderá ser levada à condenação, não poderá ser apontada como culpada; a culpa, ela jogou nas costas do destino. Eu farei a mesma coisa, usarei uma mentira para ativar a ganância, que por sua vez ativará a impulsividade e será neste exato momento irrefletido, que a sociedade me resgatará da vida que eu levo, para uma vida melhor. E será feito com tamanha sutileza, que eu também não serei apontado como culpado; a culpa será da ganância e da mentira. A mentira pela vida assumirá a culpa.

— Agora me meteste medo Eurípedes! Nunca falaste

assim! Falas um pouco da tua mentira, talvez ela possa ser minha mentira também!

— Sinto muito Trombone, mas não posso falar, ainda estou burilando-a. E, por mais simples que pareça, não é. Tu só inventarás a tua mentira, quando te convenceres que a verdade e a honestidade não impulsionam a vida. Embora tenha tentado dezenas de vezes, eu nunca consegui um emprego sequer de: leva-e-traz recados, nem mesmo de recolhedor de lixo. Os analistas das fichas de solicitação de emprego torciam o nariz, primeiro para a minha pessoa de aparência não recomendada. Depois, para os itens: endereço, escolaridade e experiência. Para o primeiro eu respondia: Perambulo pelas ruas e durmo debaixo de marquises onde possa ter companhia. Para o segundo eu respondia: Aprendi a ler e a escrever fazendo uso de jornais velhos, e o pouco conhecimento e entendimento eu adquiri através de livros usados comprados em sebos. Para o terceiro eu respondia: Luto pela vida desde o dia que eu nasci, mas nunca fui considerado apto para um emprego. A minha verdade me atrapalhou a vida inteira, agora é a vez da minha mentira.

— Nós dois estamos no mesmo buraco, mas as nossas realidades são diferentes: eu não sei ler e não sei escrever! Sou analfabeto de pai e mãe! O pouco que sei, aprendi te ouvindo, nas manhãs e tardes intermináveis das tuas leituras, que generosamente lias em voz alta! Eu acho que nasci mentiroso e desonesto, mas nunca fui beneficiado por isso! Eu não entendi nada da necessidade de inventar a grande mentira!

— Não tem importância, não é deste tipo de mentira e desonestidade que eu estou falando. Eu falo de uma coisa monstruosa, que não tem sentimento, ela está de mãos dadas com outra monstruosidade chamada: capitalismo.

— Agora a coisa se lascou de vez, eu não entendi nada! Mas eu sei onde podemos tomar uma sopa! No abrigo do

convento Sublime Decoro, lá fecha uma hora da madrugada! As freiras do abrigo servem sopa, trocam as nossas mudas de roupa-suja por uma limpa, tomamos banho e dormimos em um colchão com cobertor! Mas tudo isso custa dois reais! E dois reais são tudo o que eu tenho no meu bolso! Tu tens algum dinheiro?

— Sim, por coincidência eu tenho exatos dois reais no bolso.

— Então vamos correndo, antes que o abrigo feche!

— Vamos sim! Convento! Aqui vamos nós correndo!

OS DOIS AMIGOS chegaram arfantes em frente ao convento, cansados, quase em seus limites. Estavam no lado contrário da rua, encostaram-se no muro, as pernas dobraram, eles ficaram acorados descansando, enquanto os olhos admiravam o monumental convento, obra centenária reformada, e ao lado do convento um enorme galpão anexo, a frente era um paredão com uma única porta estreita, escrita sobre ela “abrigo”. Voltaram os olhos para eles e envergonhados de tanta pobreza e tanta fome, criaram forças para atravessarem a rua e baterem à porta do abrigo. A porta abriu-se lentamente, muito lentamente e por trás dela surgiu um velhinho de cabelo e barba branca, um daqueles antigos moradores de rua; mas ele aparentava ter tomado banho, cheirava a sabão de coco, vestia uma roupa surrada e limpa. O porteiro encaminhou-os, para a mesa da freira que recebia a taxa paga pelos abrigados. Em seguida, eles foram orientados e dirigiram-se para o local onde receberiam a muda de roupa limpa, em troca da muda de roupa-suja que cada um estava usando, e um pedaço de sabão de coco para utilizarem durante o banho. Após o banho e vestidos de roupas limpas, eles ocuparam dois lugares em uma das mesas no local

denominado refeitório. Duas freiras serviram-lhes — cada uma delas — um prato de sopa e um pão. Naquele momento, uns quinze abrigados alimentavam-se no refeitório.

Terminada a refeição a Madre Superiora Irmã Adelina — uma das freiras que estavam servindo a sopa — subiu em um pequeno palanque e perguntou se entre eles alguém sabia ler? Não houve resposta, até o Eurípedes levantar a mão e responder que sabia ler. A irmã Adelina demonstrou surpresa, cara de espanto, ela não estava acreditando que alguém entre eles soubesse realmente ler. Ela chamou-o para o palanque, e falou.

— Há tempos procuramos entre os abrigados, um que soubesse ler. Nós as irmãs do Sublime Decoro, sempre achamos que se vocês ouvirem a oração de agradecimento e as palavras de fortalecimento espiritual, ditas por um de vocês, certamente elas falarão mais alto em suas almas.

O Eurípedes estava no palanque em pé, ao lado da irmã Adelina, ela virou-se e perguntou:

— Como é o seu nome?

— Meu nome é Eurípedes.

— Com quem você aprendeu a ler, e o que lhe estimulou dedicar-se à leitura?

— Eu aprendi a ler sozinho, lendo jornais velhos. A minha vontade de um dia abandonar esta vida de morador de rua me fez aprender.

— Ótimo! Excelente! O Eurípedes servirá de exemplo para vocês, talvez tomem gosto e coragem para frequentarem o cursinho de alfabetização, aqui mesmo todas às noites das dezoito às vinte horas. Por favor, Eurípedes, leia para nós.

— Pois não Irmã Adelina, será um prazer. “Obrigado Senhor, pela existência do Convento Sublime Decoro, pela existência do Papa, da Madre Superiora e das demais freiras. Obrigado por teres colocado no coração delas o amor aos

pobres, a bondade e a humildade de servir os pequeninos. Obrigado Senhor por teres ouvido as súplicas das freiras, para que este abrigo viesse a existir, e junto com ele, elas pudessem conceder a nós, os abrigados: um prato de sopa, um banho, uma muda de roupa limpa, um teto e um beliche confortável para uma noite de sono. Abençoe Senhor: as freiras, este lugar e todos nós os moradores de rua que estão debaixo deste teto”. Eu acabei de ler a oração de agradecimento, agora vou iniciar a leitura do fortalecimento Espiritual. “Não se deixem abater pela miséria que vocês estão vivendo no momento, só vocês podem fazer com que ela seja passageira! Tenham fé no Senhor, sejam pessoas religiosas, freqüentem a igreja! Acreditem! Dentro de suas almas, no mais íntimo de vocês, que se quiserem, podem adquirir uma vida próspera para o futuro de vocês! Lembrem-se, é a fé que impulsiona a certeza de uma vida afortunada no futuro: ‘aconteça-vos segundo a vossa fé’. Está na Bíblia. Mateus: 9:29”. Terminei, gostaram?

Não houve quem desse um pio, silêncio total. E um por um, dirigiram-se para o dormitório, cabisbaixos, pensativos, da oração entenderam alguma coisa; mas do fortalecimento Espiritual, não entenderam nada.

O Eurípedes achou-se no direito de fazer uma pequena observação para a Madre Superiora Adelina, que continuava no palanque ao lado dele.

— Eles não gostaram ou então não entenderam nada.

— Não faz mal. Não tem importância. A semente foi plantada, um dia ela germinará. E quanto a você, está de parabéns. Porque só hoje veio para o abrigo? Esta é a primeira vez, não é verdade?

— Sim, esta é a primeira vez, não é sempre que eu tenho dois reais no bolso. Antes, eu era freqüentador assíduo, da sopa da dona Sibéria, ela não cobrava um centavo de ninguém, e ela

era gente boa comigo.

A Madre Superiora Adelina, não gostou de ouvir o nome da Sibéria, e com um gesto involuntário, torceu o nariz para a lembrança da Sibéria, a expressão não lhe fez jus, horrorosa demais para uma cara de anjo em uma santa freira com o coração de ouro.

— Ah! A Sibéria, eu conheci aquela mulher delinqüente, felizmente a igreja varreu-a para debaixo do tapete, mandou-a de volta para o país dela.

— A igreja! Então ela sofreu perseguição da igreja! Eu nunca imaginei a dona Sibéria como uma concorrente que pudesse incomodar a igreja...

— Não foi isto que eu falei. Por favor, esqueça. Já não está mais aqui quem falou. Vamos mudar de assunto. De hoje em diante, você e o Trombone podem vir toda noite para o abrigo e não pagarão nada. E para compensar, você será o leitor oficial do palanque. De acordo?

— Sim, de acordo. Mas por pouco tempo, pretendo viajar — disse o Eurípedes.

O BARRACO DE madeira de um cômodo só estava localizado em uma viela de uma invasão que estava dentro de outra invasão. Na verdade o barraco fazia parte de um conjunto de cinco barracos geminados, feitos para alugar, um dos lados da viela era repleto de barracos, o outro lado era só uns poucos barracos e muito mato com utilidades diversas para a bandidagem. O inquilino acabara de mudar-se, ele chegou com os cacarecos dele em um caminhão velho caindo aos pedaços, mas pelo jeito, muito valioso para o dono, porque na porta estava escrita a propaganda de um vereador e o vereador estava prestando serviço para a comunidade. O inquilino ouviu baterem



palmas em frente ao barraco dele, ele quase nem acreditou, pensou, *não é possível! Eu nem acabei de chegar, já vieram me incomodar!* O inquilino aleijado das pernas, com muito esforço levantou-se do chão onde estava deitado em um colchão, e arrastou a deformidade dele até a porta. Quando ele abriu a porta, lá estava de pé do lado de fora do barraco um camarada muito esquisito: uns vinte e cinco anos, cabeça rapada, desdentado, orelhudo, calça e camisa saídos de dentro de uma garrafa. O camarada esquisito já foi falando como se fosse velho amigo do inquilino.

— E aí vizinho! Vim dizer que tu é bem-vindo aqui no pedaço. Eu vi o homem do caminhão carregando os teus trechos para dentro do barraco. Tu é aleijado meu irmão? O que foi que aconteceu? Tu caiu do cavalo ou foi atropelado por um bêbado? Qual é o teu nome hem?

— Obrigado por me trazeres as boas-vindas. É eu sou aleijado, é de nascença, eu nasci assim. O meu nome é Eurípedes.

— Tu és daqui mesmo do Estado?

— Sou. Eu sou de um interior tão pequeno, que eu tenho até vergonha de dizer o nome.

— Ah, então nós estamos empatados, eu também tenho vergonha de dizer o nome do meu interior. Tu gosta daqui da cidade das pupunhas e dos açazais? Tu faz o que para viver?

— Eu gosto da cidade, embora eu não more nela. Isto aqui não faz parte da cidade. Eu ando por aí procurando uma alma caridosa, quando encontro uma, ganho alguns trocados.

— É eu tô vendo que tu és virado. Tu tem aí dentro o colchão no chão, a mesinha, os dois banquinhos, três painéis, um papeiro e uma frigideira, duas colheres, dois copos e as latas de mantimentos. Morrer de fome tu não morre mais, com certeza tu já sabe fazer o teu pirão.

— Não, morrer de fome eu não morro mais — eu deixei para trás o tempo que eu passava fome — eu me garanto na minha gororoba.

— Ô meu vizinho, eu só quero te dar um aviso pra tu não pisar na bola. Aqui na baixada tem de tudo: Ladrão, assaltante, criminoso, matador de aluguel, fugitivo. Só não tem dedo-duro, aqui a nossa lei é bico calado, quem abre o bico morre. Tu entendeu? O meu codinome é Saco Fundo, porque eu dou um jeito pra tudo, qualquer coisa.

— Sem problema Saco Fundo, eu não me meto na vida dos outros, eu só quero saber da minha vida.

— Isso é muito bom, é esse tipo de gente que nós quer morando aqui no nosso setor. Aqui só existem duas fofoqueiras — mas elas são do bem não fazem mal pra ninguém — é a minha mãe e a minha irmã. — O Saco Fundo olhou para trás e viu que a mãe e a irmã estavam se aproximando. Ele não perdeu a oportunidade para jogar uma pilhéria. — Pronto, eu fui falar do pai-de-chiqueiro, ele está chegando acompanhado da catinga. Estava demorando!

— Ô meu filho, tu fala assim da tua mãe e da tua irmã, o que o rapaz não vai pensar de nós!

— Ele não vai pensar nada, eu já falei o que vocês são. Eurípedes, esta é a minha mãe a dona Jurema e a minha irmã Cidinha. As duas são gente fina, a começar pelas pernas. Eu já estava de saída, até outra hora!

As duas mulheres, meio que encabuladas, sem jeito, com sorriso amarelo, em pé ali na porta do barraco do vizinho, cinco horas da tarde, uma parecia com a outra: magras, negras, cabelos encarapinhados ou... Seria um penteado compacto? Dentes perfeitos brilhantes, os vestidos um número maior que o manequim delas e elas carregavam a vergonha de se encontrarem descalças os pés cobertos de poeira. Olharam uma

para a outra e sinalizaram que talvez fosse melhor convidá-lo para frente do barraco delas, pois lá a conversa aconteceria com naturalidade debaixo da cobertura de plástico preto e sentados em bancos.

— Ô vizinho, não liga pro Saco Fundo, é só porque eu e a Cidinha, nós é dada com todo mundo, nós con-versa com todo mundo da rua, anda em tudo que é casa, ele chama nós de fofoqueiras. Nós não tem emprego; nós só faz o trabalho de casa. Quando nós acaba de fazer o pirão, nós bota o pé na rua; é disso que nós gosta: conversar com as pessoas fazer amizade. O vizinho aceita um cafezinho com farinha de tapioca? Nós toma aqui fora mesmo, enquanto nós conversa.

— Lógico que aceito. Será um prazer. E amanhã neste mesmo lugar, nesta mesma hora tomaremos novamente café com farinha de tapioca, oferecidos por mim. Vocês gostam de conversar, e eu também. Tempo eu tenho de sobra, não gosto de sair no horário da tarde por causa da chuva. Aleijado pedindo na chuva, não ganha nem experiência.

— Eu e a Cidinha, nós num sai de tarde. Já faz oito anos que nós se esconde aqui neste buraco. Nós nunca sai de tarde, pru mode a chuva.

OS SINAIS de abandono em que a casa se encontrava, era visível, a cor já estava indefinida. De conservado, se é que se poderia chamar assim, só mesmo uma placa lá no alto da fachada da casa onde estava escrito “Associação dos Inválidos e Deficientes em Geral” nove horas da manhã, hora marcada para a reunião dos associados. O Presidente da Associação falava aos associados atentos e ansiosos.

— Prezados colegas! Estamos reunidos aqui para juntos tentarmos conquistar mais uma vitória nesta luta árdua que temos travado o ano inteiro, que é nada mais do que

conseguirmos encaixar no mercado de trabalho alguns entre nós deficientes físicos! Por força de muita persistência junto às empresas, praticamente obrigando-as a cumprirem a lei! Toda grande empresa que possuir funcionários acima do número determinado por lei, é obrigada a reservar vagas de emprego para nós deficientes físico! Eu tenho aqui em cima da minha mesa, debaixo da minha mão, vagas para seis empregos garantidos! Os candidatos aos empregos terão que preencherem exigências da empresa. São três vagas de caixas e três vagas para arrumadores de balcão de congelados. As exigências são: segundo grau completo. É obrigatório apresentar comprovante de conclusão do segundo grau, neste caso, o diploma. Conhecimentos básicos de informática, residir no mesmo endereço por no mínimo oito anos. A última exigência será comprovativa. O departamento de recursos humanos mandará alguém no endereço verificar in loco — investigar os vizinhos — para constatar se a informação é verdadeira.

— Caro colega Presidente, qual o prazo para a entrega dos documentos?

— Boa pergunta meu prezado colega Eurípedes. Daqui a três dias os candidatos entregarão os documentos e farão o teste de informática. Mais alguma pergunta?— Não, sem pergunta. Obrigado! Eurípedes sentado no meio dos colgas deixou que por um momento a tristeza tomasse conta dele, abaixou a cabeça e pensou, *não fui suficientemente previsível como eu achei que seria.— felizmente fiz o curso de informática — mas, não imaginei que precisaria de um diploma de segundo grau, como vou apresentá-lo se nunca pisei em uma escola! Como vou provar oito anos de residência? Se, faz apenas dois anos e alguns meses que eu vim embora do Recife! Espera um pouco! Não devo me apavorar! Eu só preciso adubar a minha grande mentira — já arquitetada — com pequenas mentiras! É isso*

*mesmo, eu vou falar com os meus amigos Saco Fundo, dona Jurema e a Cidinha, já que eu nunca tive uma família, vou fazer de conta que eles são a minha família! Neste caso vou me apoiar neles!* Foi ligeiro que o Eurípedes criou ânimo, levantou a cabeça, saiu puxando das pernas — parecia que tinham molas — enquanto fa